

8º Encontro Nacional de Professores de Filosofia

«Didáctica da Filosofia: Educação para a Autonomia da formação do Pensamento moral das Crianças»

Paulo Barroso

(Portimão, 10 de Setembro de 2010)

1.INTRODUÇÃO

A escolha do tema sobre a Filosofia como prática de aprendizagem no Ensino Básico justifica-se, de um modo simples, pela importância da educação para a autonomia da formação do pensamento moral das crianças. Esta importância deve-se à apelidada Didáctica da Filosofia.

O objectivo deste meu texto reflexivo prende-se com a necessidade de aferir a adequação de textos filosóficos como objecto de estudo dos programas curriculares do 1º Ciclo. Para o efeito, recorro a uma estratégia igualmente simples: a conceptualização sobre o papel da Filosofia como criação, compreensão análise, interpretação e discussão de conceitos.

2.PROBLEMA

O problema que coloco como ponto de partida e, igualmente, de chegada para este meu trabalho é circular e redutor: Uma criança (e.g. de seis anos) pode ou não usar, compreender e pensar criticamente os conceitos de “bem”, “mal” ou “justiça”?

3.ENQUADRAMENTO DO PROBLEMA

No enquadramento deste problema enunciado, começo por traçar um breve diagnóstico sobre a relação entre a actividade de pensamento e a idade das crianças em reflectirem sobre temas, assuntos ou conceitos abstractos. E este diagnóstico indica que existem recorrentes referências aos valores morais implicando regras adequadas de

conduta. É facilmente constatável esta ideia observando as relações sociais em que as crianças participam.

Para este diagnóstico, indico uma prescrição (talvez demasiado abusiva e pressuposta), a do papel da Filosofia na formação do pensamento moral das crianças (Filosofia com as crianças). Actividades pedagógicas que recorrem às práticas de leitura, compreensão, análise crítica, interpretação, discussão e problematização.

Exposto o diagnóstico e a prescrição, a discussão crítica instala-se naturalmente, considerando-se o grau de complexidade e de adequação para a compreensão da prática filosófica pelas crianças. Para esta necessária discussão crítica, interessa ter em linha de conta alguns critérios admissíveis de aprendizagem. Enumero os mais significativos na minha perspectiva:

Critérios intelectuais	Critérios afectivos	Critérios psico-motores
Atitudes de análise, compreensão, problematização e reformulação de situações problemáticas.	Atitudes de abertura a ideias novas e diferentes, de autonomia afectiva e ideológica, de cooperação, de respeito pelas normas de diálogo.	Destreza na expressão filosófica e na utilização terminológica.
Hábitos de reflexão sobre problemas, de análise de dados e situações, de deduções a partir de pressupostos, de conceptualização e estruturação de assuntos, de síntese, de criação de condições de aquisição de conhecimentos, de utilização de métodos de trabalho.	Exigências de rigor nas deduções, na objectividade dos temas tratados, na imparcialidade dos juízos, na honestidade intelectual.	Rigor na expressão filosófica e na utilização terminológica.
Aquisição de conhecimentos para compreensão dos conteúdos, para uso de terminologia específica, para criação de quadros compreensivos, para utilizar e relacionar ideias, para compreender e situar problemas.	Hábitos de manutenção de distância crítica face às situações, de cultivo de dúvida metódica, de análise racional de dados e situações.	Prontidão na expressão filosófica e na utilização terminológica.

Se considerarmos a perspectiva de Jean Piaget no necessário enquadramento do problema, esta mesma perspectiva não se afigura abonatória para o papel activo e inevitável que defendo da Filosofia na construção de pensamentos acurados nas crianças. Segundo Piaget, o desenvolvimento linear da razão verifica-se em 4 estádios:

- 1) **Sensor e motor:** estágio até aos dois anos, em que se descobre o mundo através dos olhos e das mãos, havendo a capacidade de deslocamento no espaço, a ideia

dos objectos no tempo e no espaço e a importância da imitação na aprendizagem.

- 2) **Pré-operatório:** estágio entre os dois e os sete anos, caracterizado pela realização de operações lógicas, a formação da socialização e da moralidade, a incapacidade de distinguir pontos de vista e a ignorância da contradição.
- 3) **Operações concretas:** estágio entre os sete e os doze anos, caracterizado pela aquisição da noção de causalidade, aquisição do sentimento de justiça moral e de autonomia e acesso aos conceitos dos adultos.
- 4) **Operações formais:** estágio da adolescência, caracterizado pela capacidade de raciocínios hipotético-dedutivos, lógicos e reversíveis (do tipo condicional).

4.HIPÓTESE: FILOSOFIA COM AS CRIANÇAS

A hipótese que proponho, contrariando Piaget, é a de “produzir filosofia”. Mas “produzir filosofia” não deve ser confundido com “transmitir filosofia”. Proponho uma abordagem construtivista da compreensão de conceitos, uma perspectiva utilitária para a aprendizagem.

Dado o reconhecimento da importância da aprendizagem a partir da conceptualização, este projecto educativo que subscrevo visa disponibilizar instrumentos, métodos e modos de pensamento crítico e reflexivo do exercício da actividade filosófica, bem como os temas e problemas que compõem o seu objecto de estudo, de maneira a serem experimentados mais cedo pelas crianças. Trata-se de uma hipótese integradora dos currículos e baseada em processos de auto-construção orientados.

Todavia, considero conveniente, para a validade desta hipótese, dissecar o que é a Filosofia. É com uma pergunta que procuro fazê-lo de seguida.

4.1.O QUE É A FILOSOFIA?

Para responder a esta pergunta, talvez já demasiado gasta por ser tantas vezes colocada e respondida, cito as pertinentes palavras de João Boavida sobre a actividade nuclear da Filosofia:

“Todos os professores terão, por exemplo, ou uma formação tendencialmente espiritualista ou materialista. E isto, que tem pouca influência na maioria das outras

disciplinas, tem grande peso na actividade filosófica e, conseqüentemente, no conceito de filosofia e nos seus efeitos. [...] O que ela [a filosofia] é depende de como for ensinada e aprendida e, acima de tudo, das verdadeiras intenções com que for ministrada.” (Boavida, 2010: 34 e 37).

A Filosofia é, essencialmente um conjunto integrado de actividades que se processam pelos seguintes momentos:

- 1) **Perguntar**: colocar perguntas mesmo que estas pareçam absurdas ou inúteis. As pessoas sempre procuraram conhecer (e conhecer o mais possível) o mundo que as rodeia. Para isso, sempre procuraram fazer interrogações sobre tudo o que existe.
- 2) **Conceptualizar**: procurar e encontrar palavras para descrever as coisas ou as situações do dia-a-dia em que nos encontramos, respeitando os sentidos das palavras no contexto e o que elas querem dizer.
- 3) **Argumentar**: procurar e encontrar palavras para apresentar e justificar os nossos pontos de vista, as nossas ideias sobre a realidade, de modo a serem aceites pelos outros como válidos.
- 4) **Significar**: fazer/estabelecer sentido entre as coisas da realidade, as palavras que usamos para referi-las e as nossas ideias e pensamentos.

Estes momentos da actividade filosófica podem ser caracterizados pelos seguintes adjectivos:

- **Aporética**: fomentar dúvidas, perguntas e problemas.
- Eminentemente **teórica**: ≠ ciências empíricas (física ou Biologia).
- **Conceptual**: trata de clarificar conceitos, temas e problemas (sentidos e significados das coisas).
- **Dialéctica**: estimula a interacção argumentativa.
- **Reflexiva** sobre o que representa para nós o que sabemos que existe e acontece.
- **Inquisitiva**: método pergunta-pergunta.
- **Individual** → complexifica.

Conforme disse na Introdução, a estratégia fundamental para concretizar o objectivo pedagógico de “pensar com crianças” passa pela conceptualização, pelo que, de seguida, definirei um conceito como a matéria-prima de todo este trabalho.

4.2.O QUE É UM CONCEITO?

Uma excelente definição de “conceito” é a de António Damásio. Segundo este autor, um conceito deve ser compreendido activamente:

“[...] o processo cognitivo/neural subjacente a um conceito não é uma palavra, uma definição ou uma imagem. É uma *certa colecção satisfatória de evocações pertinentemente relacionada a um objecto*, na base do qual *alguma definição com sentido pode ser construída*. Na minha perspectiva, um conceito não é uma lista de atributos necessários e suficientes; nem é uma permanente imagem composta de partes de numerosas entidades separadas que representariam genericamente um grupo e onde qualquer membro individual seria diferente; nem precisaria de ser um exemplar específico e emblemático de uma classe, representando o grupo. É, pelo contrário, um **conjunto potencial de representações activadas de um estado da memória adormecido**, cada uma das quais tem uma alta probabilidade de ser desencadeada por um dado estímulo e de ocorrer juntamente com outras.” (Damásio, 1989: 25).

Quais são, então, as virtudes da conceptualização? Quais os objectivos ou benefícios da Filosofia com as crianças? Tendo em conta a mencionada definição de “conceito” proposta por Damásio, toda esta abordagem apodíctica da Filosofia com crianças permite:

- ✓ Desenvolver o raciocínio.
- ✓ Desenvolver a cognição, afectividade e a sociabilidade.
- ✓ Explorar a dimensão crítica, criativa, lógica, estética e ética do pensamento.
- ✓ Relacionar o pensar, o falar e o agir.
- ✓ Desenvolver atitudes e comportamentos mais apropriados a uma melhor inserção e participação social.
- ✓ Colaborar na constituição de sociedades mais democráticas, cooperantes, tolerantes, respeitáveis, solidárias e autónomas.

Como lidar com os conceitos? A metodologia de ensino ou tratamento dos conceitos pode variar consoante os contextos educativos, sociais e culturais, mas o “denominador comum” nessas actividades deve ser presidido pela discussão filosófica orientada, ao estilo do método socrático, dialéctico, reflexivo e crítico. Igualmente pela leitura partilhada (de um episódio de uma história), questionamento, compreensão, reflexão e comentário de determinados aspectos que intrigam ou conduzem a

curiosidade das crianças.

O papel do professor será o de moderador da discussão filosófica, bem como o de instigador. O docente deve perguntar a si mesmo: O que pretendo ensinar? Como ensinar? Para quê ensinar? A quem ensinar?

4.3.COMO PENSAM AS CRIANÇAS?

O “perguntar” é muito presente e importante no modo como as crianças pensam. Perguntar já é pensar, independentemente da idade. Perguntar é colocar o raciocínio em actividade sobre algum assunto que suscita dúvida. No caso das crianças, ter dúvidas e, por conseguinte, formular perguntas é habitual. E o que é mais frequente restringe-se a um certo padrão de perguntas, tais como:

- **Interrogações metafísicas** (e.g. “Como podemos ter a certeza de que tudo isto não é um sonho?”).
- **Dilemas morais** (e.g. “Posso mentir para uma boa causa?”).
- **Especulações metafísicas** como um jogo de Lego (e.g. “O infinito existe?”).
- **Questões existenciais** (e.g. “De onde eu vim?”; “Como nascem as crianças?”).
- **Contrafactuais morais** (e.g. concepção mental de mundos possíveis, ou seja, imaginados, planeados, ficcionados).

As crianças pensam muito na base de contrafactuais morais. Trata-se do “fazer de conta”, conceber coisas que podiam/podem/poderão acontecer. A utilidade dos contrafactuais é compreender a estrutura causal do mundo. Pensar a moralidade (e não apenas senti-la).

As crianças compreendem a moralidade. Podem não saber explicá-la, mas identificam “acções erradas”, como nas histórias infantis (ex.: *Elisa, a Esperta* ou *Capuchinho Vermelho*). E questionam: Aquilo que os pais e educadores dizem está certo? Está certo só porque eles o dizem? Aquilo pelo qual há castigo está errado? Porquê? Como o mundo deveria ser? O que deveríamos fazer?

Perguntar sobre como pensam as crianças tem implicações nos conceitos morais. As concepções de “bem” ou de “mal”, de “certo” ou de “errado” podem ser uma questão de:

- 1) **Juízos** (de crenças acerca do que é o “bem”, o “mal” ou a “justiça”;

- 2) **Emoções** (sentimentos de indignação, culpa e repugnância, ou orgulho, admiração e espanto). As pessoas têm emoções características de espanto e interrogação, merecimento moral e profundidade estética; têm sensações de sentido e de finalidade.
- 3) **Sociedade**: valores sociais (convenção sobre castigos e recompensas).
- 4) **Inatismo**: uma espécie de gramática moral universal, apesar das diferenças culturais.

5.5) OBSERVAÇÕES FINAIS

Segundo a famigerada Lei nº 46/86, de 14 de Outubro (a Lei de Bases do Sistema de Ensino), o sistema educativo organiza-se de forma a contribuir para a formação do educando “preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos” (Cap.1, Art.3º). Tendo presente esta preocupação, Matthew Lipman inaugurou, nos EUA, a Filosofia nos programas de formação educativa e básica, sendo hoje conhecido como o fundador, há 40 anos, da designada “filosofia para crianças”.

A Filosofia é um vasto campo de reflexão privilegiada sobre os valores da sociedade e cultura. Inculcar o gosto, o interesse e a capacidade de realização desta reflexão nas crianças é atribuída prioridade ao desenvolvimento intelectual e emocional das mesmas.

Os benefícios também se estendem ao cultivo de determinados valores sociais. Os hábitos e atitudes das crianças face aos valores presentes e estimados na sociedade conduzem à participação social e respeito pelas convicções e atitudes dos outros. Participa-se, deste modo, no processo de formação de uma consciência social e crítica nas crianças. Principalmente face à inevitável integração numa sociedade cada vez mais global.

A infância é uma idade propícia à predisposição para o questionamento. Tendo isto presente, a Filosofia, como campo próprio para a configuração de experiências críticas e reflexivas, só pode adequar-se. E essa é a adequação da prática filosófica como processo ideal de aprendizagem e de estudo nos programas curriculares do 1º Ciclo. Adequação que preveja a objecção latente, a da exigência de um nível de desenvolvimento cognitivo e a de currículos preenchidos.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAVIDA, João (2010) *Educação Filosófica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- CRUZ, Vitor (2007) *Uma Abordagem Cognitiva da Leitura*. Lisboa: Lidel.
- DAMÁSIO, António (1989) «Concepts in the Brain», in: *Mind & Language*. (4) Oxford: Basil Blackwell, pp. 24-28.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1992) *O Que é a Filosofia?* Lisboa: Editorial Presença.
- GOPNIK, Alison (2010) *O Bebê Filósofo*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- JASPERS, Karl (1972) *Iniciação Filosófica*. Lisboa: Guimarães Editores.
- KANT, Immanuel (1997) *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LENCASTRE, Leonor (2003) *Leitura – A Compreensão de Textos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PESSOA, Fernando (2009) *O Livro do Desassossego*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- WITTGENSTEIN, Ludwig (1993) *Zettel*. Oxford: Basil Blackwell.
- WITTGENSTEIN, Ludwig (1996) *Philosophical Investigations*. Oxford: Basil Blackwell.